

Comunicação Rural: em busca de novos paradigmas¹

Wilson Corrêa da Fonseca Júnior²

RESUMO

Considerando que ainda está para ser construída uma abordagem capaz de justificar satisfatoriamente a existência da Comunicação Rural, este trabalho faz uma revisão de diversos referenciais teóricos para sugerir um novo objeto de investigação a essa disciplina. Adotando a perspectiva gramsciana, o autor propõe que o estudo do rural não se define pela sua origem, mas pelo seu uso.

INTRODUÇÃO

Se for levada em consideração a maioria das teses e dissertações em Comunicação Rural já produzidas pelas principais universidades brasileiras é possível afirmar que ainda está para ser construída uma abordagem capaz de justificar satisfatoriamente a existência dessa disciplina³. Diversos fatores contribuem para isso, a começar pela ambigüidade do termo *Comunicação Rural*, que tanto pode indicar a própria disciplina quanto seu objeto. Esse tipo de problema já foi observado em ocasiões anteriores na definição de *Comunicação*. Neste caso, Neiva Júnior (1991:203) define disciplina enquanto “instrumento analítico que trata de um objeto e com ele não pode ser confundido”. Lopes (1994:92) acrescenta que “a determinação de um campo ou disciplina é feita a partir de seu objeto”.

Na medida em que a disciplina pode ser definida como “instrumento analítico determinado a partir de seu objeto”, o que sustentaria a alteridade da Comunicação Rural

¹ Trabalho elaborado originalmente como capítulo de dissertação de mestrado. Ver FONSECA JR., Wilson Corrêa da. *Alô Pantanal: estudo sobre a relação entre um programa de rádio e três comunidades rurais do município de Corumbá (MS)*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

² Mestre em Comunicação Social. Empresa Brasileira de de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA.

³ Esta afirmação é baseada na revisão crítica sobre a produção acadêmica e principais pressupostos em Comunicação Rural elaborada pelos seguintes autores, citados em ordem cronológica: NUNES, Laércio Nunes e. *Discussões sobre difusão de inovações*. Brasília, Universidade de Brasília, 1977 (dissertação de mestrado); BARBOSA, Walmir de Albuquerque. *A questão agrária e a comunicação rural no Brasil*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1986 (tese de doutorado); SILVA, Gislene. *Do detalhe ao talhe: dissertações/teses em comunicação rural; uma revisão 1978-1988*. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1989 (dissertação de mestrado) e SILVEIRA, Miguel Angelo da. *Transformações modernizadoras e*

diante das demais ciências sociais, particularmente da Comunicação? Em princípio seria a existência de um modelo teórico-metodológico particular, mas as poucas incursões de ordem epistemológica realizadas até agora se limitam em rever a produção acadêmica ou a atuação de organizações de pesquisa e extensão rural⁴. Para complicar esse quadro, fatores externos à academia, como a industrialização da agricultura e a presença cada vez maior dos meios de comunicação de massa no campo, recolocam em xeque a especificidade do rural, cuja discussão vem sendo travada na área sociológica desde os anos trinta. Esse debate não deve ter chegado ao conhecimento de muitos pesquisadores que ainda consideram a Comunicação Rural como sinônimo de difusão de tecnologia para agricultores, apesar do surgimento de novos referenciais, principalmente a sociologia da agricultura e os estudos de recepção.

Definir o estatuto epistemológico da Comunicação Rural com todas as suas implicações conduz à realização de um estudo bastante aprofundado, o que não é o caso deste trabalho. Mas talvez um bom começo seja reavaliar qual o sentido de manutenção do rural como objeto da Comunicação a partir de alguns referenciais teóricos, que são abordados a seguir.

1 O Difusionismo e sua Influência no Brasil

Difusionismo, neste trabalho, é o termo utilizado para designar várias linhas teórico-metodológicas de orientação funcionalista, surgidas nos Estados Unidos a partir dos anos quarenta sob o nome de *diffusion research*, voltadas para a difusão de inovações tecnológicas no campo⁵. Influenciado no início pela Sociologia Rural, o difusionismo incorporou, na década de sessenta, os estudos de Comunicação Social, quando os próprios sociólogos norte-americanos já manifestavam suas primeiras ponderações àquela corrente e questionavam a especificidade do rural como categoria analítica.

Algumas das críticas verificadas no contexto norte-americano já pareciam prenunciar

difusão de tecnologia agropecuária. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992 (dissertação de doutorado).

⁴ A inexistência desse modelo não desmerece a contribuição dos trabalhos realizados, que poderiam ser incorporados no processo de formulação de uma nova proposta.

⁵ Historicamente, o difusionismo apresenta três versões sucessivas — Modelo de Difusão, Modelo de Programa de Pacotes e Modelo de Inovação — que contemplam desde a simples transmissão de mensagens até a comunicação com e entre todos os níveis de um país em processo de desenvolvimento agrícola.

as decorrências desse modelo no Brasil. Entre elas encontram-se referências sobre o caráter excessivamente institucionalizado do difusionismo, em que técnicos agrícolas e burocratas definiam os objetos de pesquisa e a prioridade dos assuntos a serem investigados, levando ao sério risco do desvirtuamento da sociologia. Outra crítica, relacionada à anterior, era que o sistema de pesquisa agrícola estava estruturado para beneficiar as grandes corporações e agroindústrias e não a maior parte do público interessado, que seriam os agricultores. Ainda assim, o difusionismo influenciou de tal maneira a produção acadêmica brasileira em Comunicação Rural que continua sendo responsável pela visão homogeneizada do setor rural no país, pela instrumentalização da comunicação, pela visão do homem rural apenas como objeto de modernização, pelo uso exacerbado do quantitativo, pela visão dualista e ahistórica e pela repetição temática⁶.

Em seu aspecto teórico-metodológico, existe outra importante razão para o fortalecimento do difusionismo, mas que extrapola o domínio da própria Comunicação Rural: a crença exagerada no poder de influência dos meios de comunicação de massa. Subentendendo a relação sempre direta, linear, unívoca e necessária de um emissor poderoso (a rede de veículos de comunicação) sobre um receptor fraco e passivo (o indivíduo)⁷, essa crença foi “o trampolim teórico dos comunicadores, tanto os que se dedicavam à pesquisa quanto os que atuavam diretamente com os públicos”⁸. Por isso encontrou terreno propício em organizações governamentais como a Embrapa, a Embrater (extinta no governo Collor) e as empresas estaduais de pesquisa e extensão rural, em seu esforço de modernização tecnológica do campo. Esforço, aliás, que parece não ter sido em vão e sobre o qual Barbosa esclarece bem:

⁶Estas são as principais críticas ao difusionismo efetuadas pelos trabalhos citados na nota 3 deste capítulo.

⁷Conforme SOUZA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo, Brasiliense, 1995.

⁸BARBOSA, Walmir de Albuquerque. *A questão Agrária... op.cit.*, p. 152.

Seria ingênuo classificar como fracassada a larga aplicação das teorias de mudança social dirigida e, entre elas, as teorias difusionistas, apoiadas nos estudos de comunicação social. Elas foram eficientes, competentes e eficazes, do ponto de vista da lógica do capital. Um dado irrefutável é que, já na década de 70, a economia brasileira e, especificamente, o setor rural estavam perfeitamente integrados ao circuito do mercado internacional, cumprindo eficazmente a sua cota-parte na divisão internacional do trabalho e sustentando, “rigorosamente”, os pesados serviços da dívida externa que havia sido contraída.⁹

Na década seguinte, porém, o paradigma internacional de desenvolvimento, centrado no enfoque produtivista¹⁰, esgotou-se, arrastando em sua crise os modelos nacionais decorrentes. No Brasil, essa nova conjuntura, associada ao processo de redemocratização do país e à falência financeira do Estado, levou à maior participação da iniciativa privada na área de ciência e tecnologia e à mobilização popular em torno de questões agrárias, ambientais e de consumo. Em decorrência, o estilo de comunicação (e conseqüentemente de poder) até então adotado pelas organizações governamentais de pesquisa, assistência técnica e extensão rural passou a ficar ameaçado pelas regras de mercado e pelo questionamento da sociedade sobre a finalidade das pesquisas agropecuárias¹¹. Nas universidades, a existência de poucos, mas suficientes, trabalhos críticos sobre a pesquisa em Comunicação Rural, associada ao surgimento de novos referenciais, como a sociologia da agricultura e o pensamento latino-americano, neste caso por intermédio dos estudos de recepção, abriu caminho para a diversificação das abordagens nessa área¹².

⁹ *Ibidem*, p. 153.

¹⁰No enfoque produtivista o padrão de concorrência econômica ocorre unicamente via preço e o padrão tecnológico é centrado apenas na dimensão quantitativa do conceito de produtividade. Os anos noventa passaram a registrar a consolidação de várias tendências, como o novo padrão de concorrência via preço, qualidade e diversificação, e novo padrão tecnológico centrado na demanda por quantidade, qualidade, diversificação e sustentabilidade. Conforme EMBRAPA. Secretaria de Administração Estratégica. *II Plano Diretor da EMBRAPA: 1994-1998*. Brasília, EMBRAPA-SPI, 1994.

¹¹Preocupada com essa nova conjuntura, a Embrapa mobilizou suas unidades centrais e descentralizadas para a criação e implantação de uma política de comunicação. Ver EMBRAPA. *Política de Comunicação*. Brasília, EMBRAPA-SPI, 1996.

¹² Diante da crise do enfoque difusionista, Silveira e Barbosa sugerem, respectivamente, como alternativas à Comunicação Rural, o estudo do papel relevante que a cultura desempenha em relação à comunicação e a adoção da pesquisa engajada ou pesquisa-ação. Conforme SILVEIRA, Miguel Ângelo da. *Transformações modernizadoras... op. cit.*, e BARBOSA, Walmir de Albuquerque. “A pesquisa em Comunicação rural”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. 1991. BRAGA, Geraldo Magela e KUNSCH, Margarida Maria (org). *Comunicação Rural: Discurso e Prática*. Viçosa, UFViçosa, Intercom, 1993, p. 54-60.

2 A Sociologia da Agricultura

Conforme a revisão elaborada por Schneider (1997), o que hoje se denomina sociologia da agricultura refere-se a uma corrente surgida nos Estados Unidos a partir da efervescência social e dos protestos políticos ocorridos nos anos sessenta. A emergência de movimentos civis contra o racismo, o militarismo e as desigualdades reinantes no mundo chegaram até às universidades norte-americanas, levando estudantes de graduação e pós-graduação a questionar sua adesão a teorias que reforçavam o *status quo*. Esses movimentos parecem ter sido responsáveis pela politização de toda uma geração de sociólogos, tornando-os mais receptivos a idéias marxistas e à elaboração de um novo tipo de sociologia rural — uma sociologia que enfatizasse menos os aspectos da difusão/adoção de novas tecnologias e se dedicasse mais à análise das relações sociais na agricultura.

Embora a sociologia da agricultura possua razões para criticar o difusionismo, essa oposição não resultou, de imediato, em perspectivas teórico-metodológicas que a diferenciassse radicalmente do paradigma anterior. Seu mérito foi ter apresentado um novo enfoque para a *rural sociology*, como demonstrar a desintegração da agricultura familiar norte-americana, substituída a partir dos anos setenta pelas corporações industriais e grandes propriedades (*large-than-family-farms*). Essa mudança de perspectiva chamou a atenção de muitos pesquisadores, suscitando o surgimento de inúmeros trabalhos sobre temas até então estranhos à tradição difusionista. A esses trabalhos juntaram-se os esforços de teóricos neomarxistas como Mann, Dickinson e Friedmann, cujos resultados começaram a aparecer no final dos anos setenta e percorreram toda a década seguinte, apoiando-se em contribuições de outras disciplinas — antropologia, geografia, ciência política —, além de contar com a participação de teóricos neweberianos (Newby e Mooney).

Segundo Friedland et al., citados por Schneider (1997:243), a origem da sociologia da agricultura nos Estados Unidos tem como marco o Encontro Anual da Rural Sociological Association (RSA), em 1978, em Davis (Califórnia), quando as correntes neopopulistas e neomarxistas disputaram a posição de principal corrente de oposição ao difusionismo. Os neopopulistas representavam as teses em defesa da agricultura familiar, ao passo que os neomarxistas tentavam demonstrar que as leis do desenvolvimento capitalista tenderiam a eliminar a forma familiar de produção. A disputa entre essas duas tendências parece refletir

um dos grandes desafios para a economia política, principalmente a marxista, da qual a sociologia da agricultura é tributária: responder sobre o significado do progresso técnico e da persistência da agricultura familiar nas sociedades capitalistas avançadas.

Esse desafio tem servido de motivação para o surgimento de diversas linhas de investigação na sociologia da agricultura, cuja convergência pode ser encontrada nos seguintes temas: o estudo das condições sociais e econômicas de existência da agricultura familiar; as políticas públicas e a crise agrícola mundial; as relações de trabalho na agricultura (*part-time*, migrantes, assalariados etc.), a reestruturação das economias capitalistas; o comércio de *commodities* agrícolas; a constituição do *internacional agri-food system*; a análise das classes sociais na agricultura e, finalmente, a problemática ambiental.

A emergência da sociologia da agricultura não significou o desaparecimento do difusionismo, que ainda se mantém presente no espaço acadêmico. Mas enquanto essa corrente possui seu estatuto epistemológico reconhecido, Schneider (1997) considera que a sociologia da agricultura ainda necessita delimitar seu campo de estudo, definido genericamente como a “estrutura da agricultura”, além de precisar seu arcabouço teórico-conceitual. Essa consolidação torna-se importante na medida em que dela “depende a ampliação do campo de estudos da sociologia da agricultura para temas e referenciais empíricos que não sejam os das sociedades avançadas. Sem essa reflexão mediadora não há como importar a economia política da agricultura para a realidade brasileira”¹³. Existe ainda, na opinião desse autor, outro grande motivo para a consolidação dessa corrente, motivo capaz de causar profundas implicações epistemológicas para a área de Comunicação Rural — a eliminação do próprio “rural” enquanto categoria de análise:

¹³ SCHNEIDER, *op.cit.*, p. 251-252.

*A crise da “rural sociology” norte-americana, iniciada em meados dos anos 70 ensina-nos, entre outras coisas, que o rural não é uma categoria de análise e tampouco um conceito analítico, ele é apenas uma noção espacial. Os critérios espaciais e ocupacionais nada revelam sobre as relações que de fato os compõem e constituem, são apenas adjetivações. Toda e qualquer explicação científica não pode ter um caráter particular ou localizado. Pois a ciência é genuinamente generalizante*¹⁴.

A partir de seu estágio atual, a sociologia da agricultura pode tanto caminhar para um novo modelo de abordagem da estrutura da agricultura como dar um salto mais ambicioso em direção a um novo paradigma no sentido kuhniano¹⁵. Apesar do futuro incerto, essa nova proposta precisa ser levada em conta por recolocar em discussão algumas questões muito debatidas, mas ainda não solucionadas, como a especificidade do rural. Por outro lado, também é preciso considerar outros referenciais sociológicos no estudo de problemas rurais e agrários, como os que vêm sendo desenvolvidos na Europa. É o caso do debate travado na França, na década de oitenta, em torno das decorrências de novas formas de inserção econômica da população rural, como a combinação entre a atividade agrícola e a exploração turística numa determinada propriedade¹⁶. Esse exemplo é uma clara demonstração de que a agricultura, até mesmo o agronegócio, não são suficientes para a delimitação do objeto de estudo do rural, fazendo reavivar a complexidade de sua abordagem. Outros aspectos dessa complexidade podem ser encontrados em diversos trabalhos desenvolvidos na área de Comunicação, como os estudos de recepção, dentro da perspectiva latino-americana. Esses trabalhos se constituem, junto aos elaborados pelos sociólogos da agricultura, em importantes provas materiais da existência de vida inteligente além dos domínios difusionistas.

3 O Pensamento Latino-americano

Os estudos de recepção no Brasil nasceram da renovação teórica e metodológica iniciada na segunda metade dos anos setenta, período em que se verificou a crescente preocupação de antropólogos, sociólogos e comunicadores com a emergência da indústria

¹⁴ *Idem*, p. 250.

¹⁵ SCHNEIDER, *op.cit.*, p. 251.

¹⁶ CARNEIRO, Maria José. Pluriatividade no campo: o caso francês. In: *RBCS* n° 32, ano 11, Outubro de 1996.

cultural na América Latina. A busca de modelos adequados para entender a comunicação numa região tão complexa culturalmente e com desníveis sociais e econômicos, acabou gestando o que hoje está sendo denominado de pensamento latino-americano (Kessler, 1997). Suas principais referências teóricas são a obra de Gramsci e os estudos culturais ingleses.

Elaborada sob o paradigma marxista, a obra de Antonio Gramsci procura resgatar a autonomia da cultura enquanto agente no processo de negociação do poder na sociedade civil¹⁷. Para isso considera que numa sociedade de classes coexistem de forma desnivelada dois tipos de cultura: a cultura hegemônica e as culturas subalternas. Convivendo sob a influência da classe dominante, as culturas subalternas possuem uma presença sociocultural específica por sua capacidade de resistência, adaptação e modificação das relações que mantêm com a cultura hegemônica¹⁸. O espaço para representação de valores das classes subalternas pode ser maior ou menor, dependendo da correlação de forças que há na luta de classes em cada sociedade e em cada momento histórico¹⁹. Por causa dessa conexão classe-cultura, a perspectiva gramsciana leva ao estudo do popular como posição relacional, seja em contraposição à cultura oficial ou até mesmo a outros tipos de popular existentes no mesmo espaço social²⁰.

Os estudos culturais ingleses (*cultural studies*) surgiram entre meados da década de cinquenta e início da de sessenta e são o resultado do trabalho de investigadores reunidos no *Center for Contemporary Studies* de Birmingham, tendo como principais expoentes Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson e, atualmente, Stuart Hall. Buscando compreender a ação dos meios de comunicação de forma contextualizada esses pesquisadores entendem que “fatores estruturais e culturais orientam o comportamento do receptor, ao mesmo tempo que esse comportamento influencia o conteúdo dos meios, pois é com essa troca dinâmica que se realiza a produção do que veiculam”²¹.

A corrente gramsciana e os *cultural studies* exerceram grande influência sobre os estudiosos da comunicação na América Latina por levá-los, no primeiro caso, a conceber o

p. 89-104.

¹⁷ SOUZA, Mauro Wilton. *op.cit.*, p. 25-26.

¹⁸ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação... op.cit.*, p.52-56.

¹⁹ SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo, Summus, 1985, p.53.

²⁰ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação... op.cit.*, p. 52-56.

²¹ KESSLER, Janea. *op.cit.*, p.12

espaço da recepção como um lugar de negociação onde há rejeição, aceitação e adaptação daquilo que é proposto pelas classes hegemônicas por intermédio dos meios de comunicação de massa. Os estudos culturais ingleses, por sua vez, reforçaram a necessidade de se compreender os valores e significados gerados pela indústria cultural por meio de sua inserção nas práticas cotidianas. Apesar de suas especificidades, essas duas correntes levaram o pensamento latino-americano a um ponto fundamental: a abordagem da comunicação não mais de forma segmentada — estudo do meio, da mensagem, do emissor, do receptor — e sim como um processo inserido em determinado contexto histórico e sociocultural. Em termos metodológicos, essa concepção se reflete no aspecto interdisciplinar das pesquisas e na utilização combinada de metodologias quantitativa e qualitativa em função das exigências do objeto a ser investigado. Entre seus principais pontos temáticos encontra-se a conexão entre comunicação e identidade cultural, as políticas de comunicação, o consumo, as culturas populares e o uso de tecnologias avançadas que atravessam ideologias e culturas²².

Com a renovação teórica e metodológica iniciada há cerca de vinte anos, o pensamento latino-americano passou a apresentar diversas perspectivas na pesquisa em recepção²³, embora ainda existam poucas interfaces entre esse novo enfoque e a Comunicação Rural. Ao justificar seu interesse pelo estudo do consumo no meio rural, Janea Kessler (1997), por exemplo, afirma ter encontrado até então dois tipos de abordagem, as pesquisas de mercado e a perspectiva difusionista, abrigada sob a denominação de Comunicação Rural. Nessa afirmação reside uma incongruência: se os estudos de recepção contribuem com novas abordagens sobre o meio rural eles não levam, necessariamente, ao reconhecimento da

²²*Ibidem.*

²³A partir de Jacks e Kessler, essas perspectivas podem ser assim classificadas: “Etnografia da Recepção”, onde se insere o trabalho de Ondina Fachel Leal, *A leitura social da novela das oito*; “Pesquisa Participativa”, cujo principal representante é Carlos Eduardo Lins da Silva, através de *Muito além do jardim botânico*; “Uso Social dos Meios”, inaugurada por Jesús Martín-Barbero em seu livro *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*; “Consumo Cultural”, desenvolvida por Néstor García Canclini e cujos pressupostos podem ser encontrados em *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*; “Frentes Culturais”, criada por Jorge González e discutida em *Los frentes culturales - culturas, mapas, poderes y luchas por las definiciones legítimas de los sentidos sociales de la vida*; “Recepção ativa” ou “Influência Cultural da Televisão”, desenvolvida no Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística (CENECA), no Chile, sob a coordenação inicial de Valerio Fuenzalida e Maria Elena Hermosilla e, finalmente, a “Teoria das Mediações”, fundada por Guillermo Orozco. Para uma visão geral sobre os estudos de recepção e suas principais publicações consultar JACKS, Nilda Aparecida. *A recepção na querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1993 (tese de doutorado); LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação... op.cit.*; SOUZA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor, op.cit.*; KESSLER, Janea. *Mais do que feijão com arroz... op.cit.* e JACKS, Nilda Aparecida et al. *O receptor das novas mídias - Levantamento Bibliográfico*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996 (datilografado).

Comunicação Rural enquanto uma disciplina aberta a novos enunciados. Formulada no sentido inverso, essa questão poderia considerar que os estudos de recepção não são a única alternativa à Comunicação Rural. Mas realmente fica difícil sustentar uma postura epistemológica mais aberta quando a própria ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación) denomina de “Comunicação e Difusão de Inovações” a um de seus grupos de trabalho²⁴, continuando sem resposta a pergunta fundamental: diante da emergência de novos paradigmas, qual seria o objeto da Comunicação Rural?

4 O Rural, o Urbano e o Global

Segundo Raymond Williams (1989:11-12), o contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antigüidade clássica embora a realidade histórica seja surpreendentemente variada. No caso da “forma de vida campestre” (aspas do autor) sua organização varia, por exemplo, da tribo ao feudo, dos latifúndios às grandes empresas agroindustriais capitalistas. A cidade também aparece sob numerosas formas: capital do Estado, pólo industrial, centro administrativo, porto e armazém, base militar. Ao mesmo tempo em que reconhece essa diversidade, Williams (1989) localiza no capitalismo o processo básico por trás da maior parte da história do campo e da cidade, principalmente com o advento da Revolução Industrial, que chegou tardiamente ao Brasil.

Enquanto na Europa a Revolução Industrial demorou cerca de 150 anos — desde fins do século 18 até o início deste século — para alterar de forma significativa o modo de vida da população, no Brasil essas transformações tiveram início a partir de 1930, com a passagem do poder político do país, até então pertencente às tradicionais elites agrárias, para os novos grupos urbanos emergentes. O avanço do capitalismo sobre o campo provocará mudanças não só estruturais, alterando o processo produtivo, mas também nas relações de comunicação pela intensificação dos sistemas de transporte e da utilização dos meios massivos²⁵.

Se a modernização foi eficaz para a agricultura brasileira sob a lógica do capital o mesmo não se pode dizer quanto a seus benefícios sociais. Segundo Boris Fausto (1995:536-

²⁴ Na realidade, essa denominação vigorou até 1997, depois substituída pelo título “Comunicação, Circulação de Informações e Inovações Sociais”.

²⁵ Conforme BARBOSA, Walmir de Albuquerque. “A pesquisa em comunicação rural”. In: *Comunicação rural: discurso e prática. op.cit.* e também *A questão agrária...op.cit.*

539), a racionalização das atividades agrícolas no Centro-Sul e no Nordeste do país levou à substituição de colonos e moradores pela figura do trabalhador temporário, conhecido como bóia-fria. Morando em cidades próximas às grandes fazendas, onde é recrutado diretamente pela agro-indústria ou por intermediários em épocas específicas, esse contingente pobre é hoje responsável em grande parte pelo surgimento de favelas no interior paulista. Enquanto isso, em algumas áreas do Acre, Pará e Maranhão, a luta pela reforma agrária, convertida em questão de justiça social pelos chamados “sem-terra”, torna-se mais dramática e sangrenta envolvendo posseiros, de um lado, e grandes proprietários, de outro. Contrastando com essa realidade, surgem lavouras familiares rentáveis, dedicadas principalmente à produção de trigo e soja no Sul e Sudeste do país e, em menor escala, à produção de frutas no Nordeste. Diante desse quadro, Boris Fausto (1995) considera urgente a fixação de uma política agrícola por parte do Estado que garanta não só a melhor distribuição de terras como também a renda de pequenos e médios proprietários, para não sucumbirem no processo de industrialização da agricultura.

A idéia de fortalecimento dos pequenos produtores rurais também é compartilhada por Francisco Graziano Neto (1996), que levanta outro aspecto fundamental das transformações ocorridas na agricultura brasileira: a velocidade impressionante com que esse processo se verificou. “Séculos de sociedade agrário-tradicional desmoronaram num curto espaço de tempo, enquanto a modernização tecnológica revolucionava a forma de produção no campo. Essa radical mudança, aliada às características de país continental, com enormes distâncias e grande diversidade nos ecossistemas naturais e nas relações sociais de produção, resultou numa heterogeneidade sócio-econômica que exige esforço redobrado para ser compreendida corretamente”²⁶.

Apesar das disparidades inerentes à agricultura brasileira, Graziano Neto (1996) afirma que seu comando não se encontra mais no sistema oligárquico de produção, mas na grande empresa rural, capitalista, vinculada ao complexo agroindustrial. Por isso considera um erro atribuir ao latifúndio — “grande propriedade improdutiva baseada em relações quase *feudais* de produção, dominada pela oligarquia rural”²⁷ — a responsabilidade sobre os problemas agrários brasileiros. A grande propriedade continua dominando o campo, mas

²⁶ GRAZIANO NETO, Francisco. *Qual reforma agrária?: terra, pobreza e cidadania*. São Paulo, Geração Editorial, 1996, p.43-44.

agora pelas razões do *agribusiness*, da indústria. Paradoxalmente, uma parte importante de empresários rurais que exploram produtivamente fazendas no Sul e Sudeste são detentores de grandes extensões de terra no Norte do país, usadas como reserva de valor. “Neste caso, o capitalista é, também, latifundiário, numa estranha simbiose que conspira contra a evolução”²⁸.

A constatação desses desníveis sócio-econômicos e de complexidade cultural não só no Brasil, como nos demais países da América Latina, associados à internacionalização da economia e à transnacionalização dos meios de comunicação, entre outros fatores, é o que tem levado autores como Martín-Barbero (1997) e Canclini (1997) a refletir sobre às especificidades culturais e sobre o lugar da comunicação nesse continente. Para Martín-Barbero a verdade cultural dos países latino-americanos é a *mestiçagem* (grifo meu), definida não só como fato racial, mas “a trama hoje de modernidade e descontinuidades culturais, deformações sociais e estruturas de sentimento, de memórias e imaginários que misturam o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo”²⁹. Ao considerar a América Latina um lugar “onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar”³⁰, Canclini prefere utilizar o termo *hibridação* (grifo do autor) por designar diversas mesclas interculturais — não apenas raciais — e por substituir com vantagem o termo “sincretismo”, que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais e não inclui formas modernas de hibridação³¹.

Se esses conceitos parecem intangíveis num primeiro momento, basta situá-los no fogo cruzado (literal e ideológico) da rebelião eclodida no México, em 1994, entre os camponeses do Exército Zapatista de Libertação Nacional e o governo neoliberal de Carlos Salinas de Gortari. Formados em sua grande maioria por indígenas marginalizados, esses camponeses utilizam-se, atualmente, da Internet para comunicar ao mundo suas reivindicações, enquanto a televisão comercial mexicana, articulada com o poder vigente,

²⁷ *Ibidem*, p.48.

²⁸ *Ibidem*., p.51.

²⁹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios ás mediações...* op.cit., p.16.

³⁰ CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, EDUSP, 1997, p.17.

³¹ Segundo Guillermo Orozco, o conceito de “hibridação cultural” apresentado por Canclini foi proposto originalmente pelo historiador francês Michel de Certeau. Conforme OROZCO, G.Guillermo. “Mas-mediacion” y “audiencia-cion”: macrotendências en las sociedades latinoamericanas de fin de milenio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 20., 1997, Santos. Conferência. Santos, SP: Universidade Católica de

procura desmascarar o líder zapatista subcomandante Marcos perante a opinião pública nacional e internacional³². Esse paradoxo quanto à utilização dos meios já foi notado em outras ocasiões por vários autores, que agora distinguem a globalização empresarial da globalização dos fluxos de comunicação³³. Mas essa distinção, entretanto, demonstra-se insuficiente para “explicar os processos culturais globais que estão acontecendo pela combinação dessas inovações”³⁴, o que Canclini (1997) considera uma tarefa árdua: “Desenvolvem-se novas matrizes simbólicas nas quais nem os meios de comunicação, nem a cultura massiva operam isoladamente, nem sua eficácia pode ser avaliada pelo número de receptores, mas como partes de uma recomposição do sentido social que transcende os modos prévios de massificação”³⁵.

Maria Celeste Mira (1994) faz eco às palavras de Canclini ao afirmar que, apesar da internacionalização da mídia e sua capacidade para criar uma cultura mundial, “as utilizações da cultura transbordam os sentidos, extrapolam a lógica da produção, criando formas não previstas pela indústria cultural”³⁶. No Brasil, por exemplo, os índios Shanenawa, da aldeia Morada Nova, município de Feijó (AC), enfrentam a polícia local com golpes de luta marcial observados em filmes de “Kung Fu”, que passam todas as terças-feiras no aparelho de televisão instalado no saguão do hotel da cidade³⁷. O inverso também ocorre. Em sua luta pela sobrevivência, a então militante “sem-terra” Débora Rodrigues é seduzida pela indústria cultural e provoca indignação no dirigente do movimento pela Reforma Agrária, João Pedro Stedile, ao posar nua para a revista Playboy³⁸. Esses exemplos, um tanto inusitados, foram colocados de propósito para ressaltar a crescente complexidade na abordagem de temas ditos “rurais” à medida que se toma consciência dos processos de internacionalização da economia, da cultura e da vida cotidiana.

Santos / Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1997. (datilografado).

³² Para uma visão contextualizada sobre o fenômeno zapatista consultar FUSER, Igor. *México em transe*. São Paulo, Scritta, 1995. (História Imediata). Sobre a apropriação desse fenômeno pela televisão mexicana e suas implicações políticas ver OROZCO, G.Guillermo. “Mas-mediacion” y “audiencia-cion”... *op.cit.*

³³ A esse respeito ver MIRA, Maria Celeste. O global e o local: mídia, identidades e usos da cultura. In: *Margem 3/4 Condição Planetária*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica. Dezembro de 1994, nº 3, p. 131-149.

³⁴ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas, op.cit.*, p.258.

³⁵ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas, op.cit.*, p.258.

³⁶ MIRA, Maria Celeste, *op.cit.*, p.141.

³⁷ Conforme relato da antropóloga Lúcia Helena Rangel apud MIRA, Maria Celeste. *op.cit.*, p.141.

³⁸ Trabalhando posteriormente a esse fato como apresentadora de televisão, Débora Rodrigues falou sobre o assunto em entrevista concedida à jornalista Marília Gabriela, no programa do Sistema Brasileiro de Televisão-SBT, “De frente com Gabi”, veiculado dia 12/04/98.

5 O Objeto da Comunicação Rural

Se a globalização pode ser considerada um novo fenômeno pela sua configuração física, social e cultural, para Raymond Williams (1989) o modo de produção capitalista continua sendo, na história do mundo, o agente mais eficiente e poderoso dessas transformações, sejam elas verificadas no campo ou na cidade, como em suas inter-relações. Mas além de realidades históricas, o campo e a cidade são “imagens poderosas”, associadas, respectivamente, ao passado e ao futuro, à tradição e à modernidade, “a partir das quais nos colocamos diante de todo um desenvolvimento social”³⁹. “O contraste entre campo e cidade é, de modo claro, uma das principais maneiras de adquirirmos consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade”⁴⁰. Por outro lado, “não podemos nos limitar a contrastá-las; precisamos também examinar suas inter-relações e, através destas, a forma concreta da crise subjacente”⁴¹.

Ao analisar os fenômenos rurais e urbanos pela sua inserção na ordem econômica, Williams (1989:393) não descarta a possibilidade de que as transformações promovidas pelo modo de produção capitalista sejam encaradas tanto sob a ótica do campo como da cidade. Entretanto, se essa possibilidade for transferida para os domínios da Comunicação, certamente a maior parte dos referenciais teóricos e das pesquisas realizadas revelarão, pelo menos no Brasil, a abordagem dos fenômenos comunicacionais sob a ótica urbana⁴², com honrosas exceções⁴³.

Conforme já foi ressaltado por Francisco Graziano Neto (1996), a realidade rural brasileira apresenta um panorama extremamente rico por se encontrar num país de dimensão continental, com enormes distâncias, grande diversidade em seus ecossistemas naturais e nas relações sociais de produção. Uma heterogeneidade que exige muito esforço para ser

³⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.397.

⁴⁰ *Ibidem*, p.387.

⁴¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade... op.cit.*, p.387.

⁴² Essa afirmação é baseada na periodização da pesquisa em comunicação social no Brasil realizada por Lopes, bem como em sua afirmação de que “o estudo sistemático da Comunicação de Massa no Brasil é mais resultado da presença do vigoroso fenômeno da comunicação massiva — em pleno desenvolvimento desde a década de 50 — do que das descobertas científicas que justificam o aprofundamento de um campo do conhecimento”. Conforme LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação...op.cit.*, p.15.

⁴³ É o caso de CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1977 e Beltrão, Luiz. *Folkcomunicação: a*

compreendida em seu aspecto econômico e social. Para que essa compreensão também ocorra no campo da comunicação e da cultura alguns obstáculos epistemológicos precisam ser superados, entre eles a tradição extremamente empirista dos estudos de Comunicação Rural e a controvérsia em torno do “rural” como categoria analítica.

Embora ainda não seja possível justificar a existência da Comunicação Rural enquanto disciplina, as colocações expostas até agora sinalizam à adoção de um enfoque sobre o “rural” à partir da perspectiva gramsciana⁴⁴. Ou seja, na medida em que se faz presente na mesma ordem econômica do “urbano”, que é a forma de vida hegemônica, o rural só pode ser estudado como posição relacional, e não como algo isolado em si mesmo. Outro aspecto importante dessa concepção é que o rural não se define por sua origem, mas por seu *uso*, o que permite a abordagem de temas estreitamente relacionados com a problemática rural, mas até então ignorados por não se enquadrarem nas categorias de análise tradicionais, geralmente a agricultura e o espaço rural. Seguindo essa linha, assuntos tão diversos como a emergência do turismo rural no Pantanal, a nudez de Débora Rodrigues na revista Playboy, os dias de campo realizados pela Embrapa e a presença dos zapatistas na Internet poderiam ser considerados temas de estudo da Comunicação Rural.

As idéias de *uso* e de *posição relacional*, subjacentes em todos esses casos, são as mesmas que direcionam o pensamento de Jacques Le Goff,⁴⁵ quando se propõe a rever a história cultural da Idade Média a partir da cultura popular, e o pensamento de Martín-Barbero (1997), quando procura repensar a comunicação a partir da recepção. O que está em jogo nesses casos não é a cultura popular como tema, nem a recepção como etapa, mas sim um deslocamento metodológico que permite rever todo um processo sob determinado prisma. Ou melhor enfatizando: o que faz a diferença é o “olhar”. O mesmo raciocínio pode ser atribuído à abordagem do rural.

6 Referências Bibliográficas

BARBOSA, Waldir de Albuquerque. 1986. *A questão agrária e a comunicação rural no*

comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

⁴⁴ Para uma visão sintética sobre a presença da perspectiva gramsciana nos estudos de comunicação consultar LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação... op.cit.*, p. 52-59.

⁴⁵ LE GOFF, Jacques. *Tiempo, trabajo y cultura en el Occidente medieval*. Madri: Taurus, 1983. Apud

- Brasil*. São Paulo, Universidade de São Paulo (tese de doutorado).
- BELTRÃO, Luiz. 1980. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo, Cortez.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. 1988. Comunicação Rural: Discurso e Prática. In: *XI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares em Comunicação*, Viçosa, Universidade Federal de Viçosa.
- CANCLINI, Néstor Garcia. 1997. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo (Ensaio Latino-americanos, 1)
- CÂNDIDO, Antonio. 1987. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo, Duas Cidades.
- CARNEIRO, Maria José. 1996. Pluriatividade no campo: o caso francês. In *RBCS* n.32, ano 11, Outubro de 1996.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. 1991. *Comunicação rural: discurso e prática*. Organizado por Geraldo Magela Braga e Margarida Maria Krohling Kunsch. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa.
- FAUSTO, Boris. 1995. *História do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. *Alô Pantanal: estudo sobre a relação entre um programa de rádio e três comunidades rurais do município de Corumbá (MS)*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 1998 (dissertação de mestrado).
- FUSER, Igor. 1995. *México em transe*. São Paulo, Scritta (História Imediata)

- GRAZIANO NETO, Francisco.1996. *Qual reforma agrária?: terra, pobreza e cidadania*. São Paulo, Geração Editorial.
- JACKS, Nilda Aparecida. 1993. *A recepção na querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica*. São Paulo, Universidade de São Paulo (tese de doutorado).
- JACKS, Nilda Aparecida et al. 1996. *O receptor das novas mídias: levantamento bibliográfico*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (relatório de trabalho).
- KEARL, Bryant E.1987. “Comunicação para o desenvolvimento agrícola”. *Comunicação e Sociedade*, 15. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior.
- KESSLER, Janea.1997. *Mais do que feijão com arroz: consumo, publicidade e cultura no meio rural*. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior.
- LEAL, Ondina Fachel.1986. *A Leitura social da novela das oito*. Petrópolis, Vozes.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. 1994. *Pesquisa em Comunicação: Formulação de um modelo Metodológico*. São Paulo, Edições Loyola.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús.1997. *Dos Meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- MIRA, Maria Celeste. 1994. O global e o local: mídia, identidades e usos da mídia. In: *Margem*. São Paulo, PUC, nº 3, dezembro.
- NEIVA JR, Eduardo. 1991. *Comunicação: teoria e prática social*. São Paulo, Brasiliense.
- NUNES, Laércio Nunes e. 1977. *Discussões sobre difusão de inovações*. Brasília, Universidade de Brasília (dissertação de mestrado).
- OROZCO, G.Guillermo.1997. “Mass-mediacion” y “audiencia-cion”: Macrotendências en las sociedades latinoamericanas de fin de milenio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 20., 1997, Santos. Conferência. Santos, SP: Universidade Católica de Santos / Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. datilografado.

- SCHNEIDER, Sergio.1997. “Da crise da sociologia rural à emergência da sociologia da agricultura: reflexões a partir da experiência norte-americana”, *Cadernos de Ciência e Tecnologia* – v.14, n.2 maio/ago. (1997). Brasília, Empresa Brasileira de pesquisa Agropecuária.
- SILVEIRA, Miguel Ângelo da.1992. *Transformações modernizadoras e difusão de tecnologia agropecuária*. São Paulo, Universidade São Paulo (dissertação de doutorado).
- SOUZA, Mauro Wilton de (org).1995. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo, Brasiliense.
- WILLIAMS, Raymond.1989. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras.